

VIII SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA CFP/UFCCG

**REFLEXÕES IDENTITÁRIAS:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**



***SESSÃO COORDENADA 02 - HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS URBANAS
COORDENADORAS: VIVIANE GOMES DE CEBALLOS, REGINA SOARES
DE OLIVEIRA & VERÔNICA SALES PEREIRA***

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS A PARTIR DOS LUGARES E MEIOS DE PRODUÇÃO: UMA LEITURA DA IDENTIDADE FARINHEIRA NA COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA - LAGOA SECA – PARAÍBA (1995- 2004)¹

Alex Pereira da Silva²

Introdução

Discorrer sobre uma temática que tramita em torno das identidades carece de uma gama de diversas composições teórico-metodológicas na abordagem do agente narrador-pesquisador, entretanto, averiguamos um notável protagonismo do conceito representação. Em decorrência desta designação, que avaliamos ser de grande valia para as investigações que circundam em torno das identidades, advogamos para a percepção da ideia de representação direcionando-a para o princípio de uma função que carece de significados, logo, as alegorias das representações se constroem em detrimento de múltiplos fatores socioculturais. A partir desta amplitude, caracterizamos como essencial as concepções de pertencimento ou de experiência de um determinado corpo social ou sujeito, que se encontra imerso em uma identidade auto afirmada, contudo, a

¹ Fragmento de uma pesquisa que originará um trabalho de conclusão de curso no mesmo direcionamento, orientado pela professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

² Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: aleks1928@hotmail.com

constituição do pertencer não se assume como estagnada, mas sim, múltipla por se constituir e se reinventar de forma efêmera no cotidiano de um respectivo corpo social.

Diante do exposto, destacamos que este breve artigo terá por finalidade apresentar e analisar como se constituíram as representações das identidades no espaço de trabalho perante um estudo de caso que foi instrumentalizado nos espaços das casas de farinha. Tomando por base a referente designação de abordagem, atribuímos como o lócus de nossa pesquisa a comunidade São João Batista, também conhecida como Lagoa do Barro, que se situa no município de Lagoa Seca (Paraíba). Dito isto, destacaremos como se construiu uma ideia de identidade dentre estes sujeitos mediante o espaço de trabalho, enfatizando os meios e as etapas de produção, proporcionando-se assim, uma proposição analítica que possibilitará uma demarcação simbólica ao espaço da casa de farinha, assim, possibilitando-nos a condição de interagir e interpretar este objeto de estudo transcendendo sua feitura material.

Caminhando neste limiar interpretativo, destacamos como base teórica para a referente análise as contribuições do historiador inglês E. P. Thompson (2011), no que tange a ideia de experiência como sendo algo que se forma no interior de uma célula social, por conseguinte, avaliaremos às experiências de relações de trabalho, no espaço da casa de farinha, como propulsionadoras da identidade do lugarejo analisado; como segundo ponto, utilizar-nos-emos da ideia de produção e de consumo, mediante os estudos do historiador francês Michel de Certeau (1998), principalmente, quando iremos interpretar o conjunto de ressignificações linguísticas, assim como, em outras condições que formataram o cotidiano farinheiro naquela referente comunidade. Partindo deste pressuposto, basear-nos-emos esta análise ancorados metodologicamente em uma pesquisa de campo na comunidade referida, assim como, através da história oral; por conseguinte, destacamos que a alusiva pesquisa nortear-se-á por uma abordagem de caráter qualitativo, sob a perjura de possuir um estudo de caso mais profundo.

Posteriormente à esta breve exposição, destacamos que nossa abordagem textual ancorar-se-á a partir de três breves tópicos que otimizarão nossa breve exposição, respectivamente na seguinte ordem: para principiar a discursão apresentaremos um breve esboço teórico sobre as casas de farinha, mediante uma exposição das categorias de produção do espaço e de consumo do próprio, como consequência, construiremos uma alegoria espaço-discursiva para a percepção da casa de farinha como um espaço de ressignificação dos farinheiros; em segundo ponto, a

ideia de experiência em um espaço de transformação material, pois, este ponto, apresentará o lastro argumentativo para discorrermos sobre a ideia de representação; e, em último ponto, iremos expor como o espaço das casas de farinha possuiu uma notável importância, perante a monumentalização discursiva que foi-nos passada pela fala de nossos entrevistados, que foram devidamente selecionados devido ao substancial tempo que vivenciaram nos espaços que estamos apresentando-analisando. Deste modo, desembocamos no primeiro ponto de estudo.

Do consumo à produção: a alegoria de reinvenções construída nos espaços das casas de farinha

Expor uma composição existencial que busque demarcar referencialmente o cotidiano torna-se uma atividade demasiadamente complexa, principalmente quando referenciamos-nos por um conjunto de relações norteadas pela desmitificação das permanências. Em decorrência desta constatação, avaliamos como bastante complexo discorrer sobre os traços que demarcaram o cotidiano dos farinhaeiros, neste sentido, buscaremos pontuar alguns aspectos que nortearam possíveis conclusões acerca da produção existencial dos farinhaeiros naquilo que suplanta a produção material da farinha: o inventar. Como nos explana a saudosa frase de Certeau (2008) “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas” (p.38). Norteados-nos por esta enunciação discursiva atear-nos-emos a construir uma análise mediante às representações que nos foram construídas pelos/nos relatos dos entrevistados.

Para principiar tal análise, destacamos as primeiras condições de produção que foram inventadas e produzidas no interior das casas de farinha através da linguagem. Segundo o estudo que Certeau (2008) realiza mediante o aporte de Wittgenstein, a linguagem assume uma conjunção demonstrativa de notável relativização e inovação, pois, sua demarcação busca o ato enunciativo de comunicar, por conseguinte, se estabelece uma operação de produção ou, segundo o próprio filósofo austríaco, *jogo de linguagem*. Partindo deste pressuposto destacamos as apropriações da linguagem formal feita pelos *homens ordinários* da farinha que transformaram as casas de farinha em um ambiente de comunicação própria. Linguagem da farinha? Não necessariamente. Pois seu ordenamento não se estabelece em uma estruturação de formalismos previamente justapostos, mas sim, como uma *entropia* (desordem) *de dizeres* que se formatam como

funcionais em uma estrutura singular de diálogo. Partindo deste limiar interpretativo, apresentamos um fragmento da fala de um entrevistado que destacou-nos que

[...] na casa de farinha muita coisa se dizia. Quando a gente se sentava numa cuia para prosear saía de tudo. Nós começava a falar de futebol, dos trabalhos na lavoura, ou até de outras coisas do sítio quando as mulheres estavam perto, mas quando elas saíam... a gente acunhava a conversar sobre umas coisas que não dava certo falar na frente das moças de vergonha. Nas conversas sobre o que os cabras faziam... tinha muita coisa sobre as mulher. E, digo mais, a gente só parava de falar estas coisas quando aparecia alguém que não devia escutar (MAIA³, 2016).

Dentro dos diversos enfoques que podemos direcionar para o sentido da produção discursiva, avaliamos com mais ênfase a ideia que gira em torno do termo “*acunhar*” que, assume uma diferente proposição da que o homem lagoa-sequence, convencionalmente utiliza. Deste modo, destacamos que a ideia de acunhar, normalmente, relaciona-se ao ato de fixar um instrumento de uso à uma haste de madeira. Pode ser uma enxada, picareta ou qualquer outro tipo de ferramenta que faz uso desta técnica. Todavia, o ato de preparar um instrumento para o uso no campo não está associado à conjunção enunciativa que o nosso entrevistado colocou, mas sim, no que se refere a intensidade da conversa. Uma breve conversão linguística de um artefato textual que transpõe-nos condições para percebermos como se estabelece na linguagem uma condição produtiva associada aos farinhaes.

Em um segundo momento, podemos destacar também uma ressignificação imagética que é constituída a partir do uso do objeto, pois, a cuia se trata de um recipiente de medição da farinha para trocas ou outros tipos de relações comerciais, principalmente, antes do estabelecimento formal dos pesos e medidas que reverberaram em diversas revoltas. Mas, como é ressaltada na fala de nosso entrevistado, a cuia, trata-se de uma demarcação simbólica para o estabelecimento de um diálogo entre os partícipes das atividades farinhaes. Notavelmente, trata-se de um deslocamento

³ Este nome se trata de um pseudônimo. Por causa de dificuldades logísticas não foi assinado o TLC (termo de livre consentimento), por conseguinte, devido a referente indisponibilidade preferimos utilizar um pseudônimo, mesmo com o aval informal para usar o nome do entrevistado. Trata-se de um homem de idade já avançada que vivenciou grande parte de sua vida na casa de farinha, da infância à meia idade. Suas atividades foram diversas nestes espaços, pois, no início da entrevista quando ele expôs a respectiva relação com este espaço contou-nos que em sua infância participava de diversas atividades tanto voltadas para as feitorias de transformações materiais, assim como, as brincadeiras. Mediante os deslocamentos nos meios produtivos o relato deste entrevistado demonstrou que sua participação foi desde a produção à comercialização nas casas de farinha, por conseguinte, o fundamento base que estabeleceu uma relação de pertencimento dele com sua família se estabeleceu nos espaços de produção de farinha.

existencial atribuído ao objeto onde, o próprio, assume a proposição simbólica de demarcar o tipo de conversa que tramita em torno de uma roda farinheira, assim como, estipula os tipos de conversas que convencionalmente são bem quistas frente às mulheres ou distante delas.

Para concluir as condições que levam-nos a criar uma percepção da cuia, estipulamos uma terceira via: a ressignificação de sua significância. De uma condição de medição para trocas do principal bem de consumo produzido nestes espaços à um lugar de acomodação. Uma breve e perceptível condição para evidenciarmos a formulação de operação dos homens farinheiros dentro do espaço cotidiano trabalhista da casa de farinha. Mais do que uma mera ressignificação, a configuração de um ser protagonista destes agentes pode ser enxergada e deve ser apresentada.

A partir desta conjunção enunciativa podemos intercalar uma breve reflexão acerca das categorias conceituais de *consumo* e *produção*. Necessariamente uma direciona o lugar do agente em uma suposta passividade e outra na configuração de um protagonismo. Não se trata de assumir que a produção farinheira possuía uma atribuição desordenada, mas sim, apresentar aspectos que possam otimizar os traços que otimizaram o protagonismo dos farinheiros no espaço de sua designação nominal (fazendo farinha). Uma existência mutável que formulou permanências que formataram suas identidades no falar, no relacionar, no produzir... em suma, uma conjectura de aspectos que partem do âmago dos próprios farinheiros para formar suas relações sociais. Nestes espaços, segundo alguns aspectos que foram apresentados nas falas dos entrevistados “gimum” ou “boba” faziam referência a abóbora; “cabaço” fazia alusão à algo novo ou nunca usado, assim deslocando-se, figurativamente, dos frutos de uma árvore conhecida como cuité que produziam grandes frutos que podiam ser usados como recipientes à uma função semântica peculiar vinculada também a virgindade.

Mediante às atribuições que foram dimensionadas nesta breve primeira parte, constituímos um limiar interpretativo acerca da *alegoria de invenções* dos farinheiros que, custosamente, nos foram restritas ao âmbito da linguagem. Mais do que um campo de notável afirmação de um meio social, a peculiar dimensão semântica que foi afigurada nos discursos de nossos entrevistados norteou-nos a interpretá-los como operantes de uma realidade que independentemente de uma linguagem portuguesa formal ou permeada de coloquialidades que tramitam em cada região, os usos são singulares. Partindo deste pressuposto, baseamo-nos em um limiar interpretativo fornecido por Certeau (2008) onde existe a distinção do lugar e do espaço para perceber

a casa de farinha. Em primeira instância existe uma fixidez designada sobre o lugar das coisas formalmente construídas ou instituídas para respectivas finalidades, o caso por exemplo do forno que servia para o cozimento da farinha, entretanto, na segunda configuração às especificidades são transformadas pelas prospecções do fazer cotidiano, assim, o espaço do forno tornava-se um lugar de conversa depois da farinha (salientando que depois do esfriamento do forno), principalmente, acompanhados de água ardente. Neste tramite, a linguagem e seus sentidos emergem como uma operacionalização informal dos *jogos de linguagens* cotidianos que se circunscreveram nos laços sociais dos farinhaes, por consequência, formando uma demarcação de significância que solidificaram o princípio do *ser farinha* daquele lugarejo.

Demarcando-se os atinentes pontos que foram apresentados na composição cotidiana dos farinhaes da comunidade Lagoa-sequence denominada de São João Batista, buscaremos construir uma interpretação acerca do sentido das experiências que foram construídas nos meios de produção. De uma ação de transformação protagonista para as fundamentações simbólicas da produção farinha demarcando o sentido de representação identitária do ser farinha.

A identidade farinha através das representações e experiências construídas no meio produtivo

Analisar a fundamentação da categoria filosófica *trabalho* nas pertenças humanas torna-se demasiadamente complexo desde que se compreenda as duas vias desta conjugação. Segundo Marx (1996), a categoria *trabalho* compreende à ação do homem sobre a natureza modificando-a para suas melhores condições, entretanto, existe uma outra predisposição que se encontra como um embuste desta ação, trata-se da transformação do próprio agente da ação que torna-se também transformado. Partindo deste pressuposto, destacamos que através da concepção do trabalho se constroem às peculiaridades de uma identidade que comporta a coesão em um meio social. Norteados-nos pela análise do historiador inglês Edward Palmer Thompson (2011) acerca do conceito de experiência, constituímos algumas condições para a percepção da identidade farinha na comunidade de São João Batista mediante às caracterizações produtivas e suas relativas conjugações simbólicas.

Dito isto, resolvemos sintetizar aspectos do meio produtivo da farinha que corroborou para o processo de afirmação de uma identidade camponesa, na referida

comunidade. Desde os primeiros aspectos que tramitam no processo de beneficiamento da mandioca em farinha, existiam condições para a formação de uma emergente identidade, pois, dentre a etapa do arranque da mandioca existia uma demarcação simbólica que não direcionava-se para o *ethos* de caráter capitalista, mas sim, para relações que constituíam uma coo-dependência entre os pares desta comunidade. Na etapa do arranque que pode ser compreendida através de um mutirão daqueles que utilizavam o lugar de beneficiamento da mandioca que, como consequência, constituía-se como uma experiência que comportava em uma troca de favores que prezava pelo bom senso do beneficiário que deveria ajudar aqueles que o auxiliaram de alguma maneira, que poderia ser: sua mão-de-obra em um movimento de arranque posterior; a concessão de cuias de farinha; massa para tapioca ou beiju; os caules que sobravam da extração para a alimentação do gado ou para o plantio em outro roçado; ou outro material que na maioria das vezes não possuía um contrato econômico baseado na venda involucra da força de trabalho.

Quando chegava ao ambiente de beneficiamento, a mandioca, passava por diferentes etapas de transformação que eram principiadas pela raspagem. Exercida, principalmente, pela mão-de-obra de mulheres e crianças, mas também, dependendo da demanda e do tempo a cumprir possíveis encomendas, os homens participavam. Nesta etapa de produção se retirava a casca que poderia tornar o produto final inconsumível ao paladar, pois tornar-se-ia demasiadamente amargo, assim como, carregado de impurezas vindas do terreno de extração. Todavia, além de retirar os rejeitos da mandioca, a raspagem, era um notável momento para as conversas. Onde as donas de casa que na maioria das vezes eram reclusas aos seus domicílios encontravam as comadres para conversas sobre os mais diversos assuntos e, acompanhado a isto, ainda cuidavam das crianças que também ajudavam nesta etapa do processo. Na raspagem acontecia um movimento de socialização acompanhado de um processo educativo, que culminava em um procedimento de integração simbolizado pela estratégia de raspagem que atribuía áreas da mandioca a diferentes pessoas. Um raspava o “capote” (parte de baixo), outro o meio e, por fim, o acabamento. Desta forma, esta etapa evoca um sentido de experiência que formatou a demarcação de uma identidade naquele lugarejo que através dos diálogos construídos nas rodas de raspagens criavam-se os traços de similaridades que sustentavam a representação de uma identidade no processo produtivo.

Depois de raspada a mandioca era moída. Nesta etapa do processo de produção um aspecto se ressaltava, basicamente, o meio que a processava pois se diferenciava do

restante da casa de farinha por se tratar de uma máquina. Em um espaço, por vezes, rústico e inóspito ao moderno as máquinas eram escassas, exceto o motor que realizava a moagem. Onde a força-motriz humana e animal era regra, a tração a óleo e querosene era a exceção, de um modo geral, em um espaço de tijolo bruto e corroído pelas intempéries, o ferro era escasso e “estranho”. Entretanto, esta etapa se destoa das outras devido a ríspida “solidão” daquele que a exerce, seja pela necessidade de individualização, por demandas de segurança ou até por questões de impossibilidade de interação devido ao barulho do motor. Desta forma, nesta etapa um indivíduo era responsável por friccionar a mandioca raspada no moedor que tornava-a uma polpa umedecida.

Na massa pastosa que era resultante do processo da moagem fazia-se uma prensagem que era a etapa onde era necessária mais força, assim como, simbolicamente permeada de um sentido de união através da tração humana. A prensa pode ser descrita como a junção fixa de duas madeiras densas (ou grandes vigas) que ficavam paralelas, formulando uma amarração interligada à um grande tronco em forma de parafuso que impunha a pressão sobre a massa pastosa tornando-a mais seca. Imprescindível para o cozimento ou a “torra” da farinha, a prensagem era um modo bem rústico para a extração do líquido da mandioca. Esta atividade, por suas características mais vinculadas a força e a tração manual, era mais exercida por homens devido, também, a próxima etapa ser atribuída, principalmente, às mulheres e/ou as crianças. Salientamos que o líquido que era resultante deste processo era aproveitado para a pulverização de plantios que começavam a adentrar nesta comunidade, principalmente com a ação educativa promovida com os núcleos de diálogo com os agricultores (para caráter de exemplo o sindicato dos trabalhadores rurais de Lagoa Seca – STRLS).

Com a retirada do líquido, a massa pastosa da mandioca, passava a ficar mais seca e menos densa, no entanto, ainda restavam impurezas, que eram retiradas em uma próxima etapa do processo de produção: a peneiragem. Para a retirada de alguns materiais impróprios para o cozimento da massa, este processo, era essencial para a produção da farinha. Assim, como não necessitava de demasiada força física, mas sim, sutileza para com a massa seca, esta parte, era realizada geralmente por mulheres ou crianças, inclusive, posteriormente a este procedimento as primeiras retiravam-se da produção de farinha, para o preparo da tapioca, que era muito apreciada pelos trabalhadores farinheiros. Em uma definição base, o processo de peneiragem, comportava uma ação bem elementar que era aproveitada para a brincadeira das

crianças, devido a densidade e maciez da massa que derivava deste processo às crianças ficavam fazendo colocando a mão na massa resultante e fazendo pequenas esculturas com a própria.

Para culminar o processo produção da farinha havia o cozimento realizado em um forno de barro cozido, revestido com placas de cimento encaixadas em um formato circular. Como era uma atividade cansativa e repetitiva, estava aos encargos de homens, tanto o cozimento da massa da resultante da peneiragem como a extração das matérias-primas para a torra da farinha. Com relação as madeiras que alimentavam o forno da casa de farinha, que possuía algumas plantas de destaque desde o denominado velame até a algaroba (*Prosopis juliflora*) seca. No processo de cozimento, recorrentemente às noites eram atravessadas e os trabalhadores revezavam o constante movimento repetitivo que era necessário para a farinha não queimar. Dentro das noites de trabalho teciam-se os mais diversos diálogos entre os homens que eram responsáveis por esta etapa, que através de uma linguagem peculiar ao espaço criavam as teias de socialização que fomentavam a unidade entre os trabalhadores e o espaço de produção como marco referencial.

Depois deste processo, tornava-se pronto o produto final que era distribuído entre os compadres e as comadres que participaram da produção; outra parte ficava para a alimentação da casa do produtor, juntamente, ao dono da casa de farinha; e uma outra parte era posto em sacas para serem vendidas no comercio local através dos atravessadores. Dentre às nuances que coabitavam nos meios produtivos que foram enfatizados, assim como, nos meios mercadológicos que construíram uma competição desleal com a entrada da farinha industrial nas feiras e, principalmente supermercados que passaram a tornarem-se mais atuantes na cidade que possui ligação direta com o consumo material da cidade Ipuarana (nome anterior dado à Lagoa Seca) Campina Grande, acompanhando a impossibilidade de produção mediante às condições infraestruturais que alcançaram a produção da farinha (desde à busca por matéria-prima até os custos que envolviam a própria produção). Destacando-se os aspectos que foram apresentados neste meio produtivo, advogamos sob a construção de experiências que formataram a demarcação de uma identidade dentro do meio produtivo que podemos ratificar através do tópico subsequente quando iremos apresentar os traços memoriais que nos foram concedidos nas falas de nossos entrevistados monumentalizando às casas de farinha.

A monumentalização da casa de farinha a partir do discurso dos farinheiros: uma noção de significância

Quando referimo-nos ao termo monumentalização, buscamos fazer referência à representação imagética que foi-nos passada sobre a demarcação simbólica da casa de farinha. Assim, derivando-se do termo monumento que filologicamente constitui-se através de uma derivação do latim, empregamos uma significação basilar para media aquilo que transpassou-nos definições do pertencimento dos habitantes de Lagoa do Barro com mediação ao espaço da casa de farinha. Segundo Le Goff (1990)

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (p.535).

Partindo deste pressuposto, podemos destacar que a noção de significância é o fundamento base para a demarcação simbólica de um monumento, neste sentido, por a casa de farinha aglutinar diversas conjunções memoriais, segundo uma expressão Pierre Nora (1993), sendo um *espaço de memória*; percebemos uma condição interpretativa para a verificação da noção de expressão sentimental destes espaços para os farinheiros. Dentro das entrevistas que nos foram concedidas gentilmente pelos sujeitos que contribuíram com esta pesquisa, apreendemos diversos traços de imponência da casa de farinha como demarcadora de uma época da vida de nossos entrevistados. Segundo Pereira⁴ (2016)

Na casa de farinha que tinha aqui no sítio da gente tinha muita história para contar. Era uma época tão boa. Se juntava um monte de gente

⁴ O entrevistado contribuiu gentilmente para a fomentação desta análise mediante um termo de consentimento esclarecido. Destacamos que no incurso da entrevista apresentou-nos que suas experiências no espaço da casa de farinha foram de bastante valia para sua demarcação como sujeito de um processo de identidade coesamente integrada a comunidade de Lagoa do Barro. Sua trajetória nestes espaços começou de forma bastante precoce (ainda na infância) quando trabalhava com seu pai e, por coincidência, segundo ele, depois de seu casamento seu espaço de moradia foi escolhido por se tratar de um conjunto de experiências ao longo de sua vida familiar na casa de farinha. Destacamos isto porque quando casou-se, nosso entrevistado, demoliu a casa de farinha de seu pai e construiu sua casa exatamente no mesmo local paradoxalmente a destruição do prédio, suas interpretações destacaram, que a memória daquele espaço nunca fugiu a sua mente.

para raspar mandioca e conversar. Torrar mandioca e falar de tudo. Aí, hoje em dia não se vê mais o povo se juntando para conversar, falar um pouquinho de como vai a vida (...) eu sinto muita falta daquele tempo. Lembro muito de meu pai e a família fazendo farinha, ou até, tentando consertar o motor que tinha “dado o prego” (...) acho que até por volta do ano de 2003 tudo ia normal, depois o povo começou a deixar de fazer farinha e as boas lembranças que a gente tinha daqueles espaços ficaram no passado.

Definitivamente, o recorte que ressaltamos no trecho da entrevista concedida transpassa-nos um sentimento de dubiedade, pois, em seu incurso existe a apresentação de uma designação de saudade a época de produção na casa de farinha, juntamente a um descontentamento com o presente. Esta ligação notavelmente saliente cria uma oposição com o presente devido a quebra dos laços sociais que foram construídas nas casas de farinha como um espaço de interação das diferenças, juntamente à integração de uma ideia de coesão na comunidade. Um tom de saudosismo constante e cada proposição que remontava a aquele período predecessor apontava a casa de farinha como o epicentro de um efeito mnemônico (de memorização). Partindo deste pressuposto não apenas a construção de uma representação de uma temporalidade, mas também, de definição de uma conjunção de relações sociais que se apresentavam na “mística dos fazeres” que coabitavam na casa de farinha.

Em consequência desta designação reforçamos nossa argumentação, com o fragmento da entrevista de Gertrudes⁵ (2016) que evidencia a importância das casas de farinha e das relações produtivas estabelecidas neste meio pois, segundo ele, “ali as pessoas dependiam umas das outras. E a gente nunca falhava com aqueles que precisavam da gente, afinal ninguém sabe o dia de amanhã. Talvez eu precise e alguém e alguém de mim, por isso, temos que nos ajudar”. Um espaço rústico e supostamente simples para uma historiografia que busca homogeneizar as relações nos espaços produtivos mediante uma definição que se baseia e uma estruturação determinista de base e superestrutura; todavia, para os olhares que buscam analisar às conjunções das relações sociais que coabitam nestes espaços, existem muitos traços socioculturais que apresentam a completude demarcadora de sentido de uma identidade.

⁵ O entrevistado consentiu com a exposição de sua fala mediante o termo de consentimento. Sua participação, ou melhor dizendo inserção, na vivência farinheira começou na adolescência e em meio ao processo produtivo, ressaltou-nos a participação em todas as etapas produtivas, assim como, comerciais. Por consequência da proximidade dos laços familiares na comunidade ressaltamos que o entrevistado que o precedeu é o seu tio e, como consequência, dividiram o espaço da mesma casa de farinha pertencente ao conhecido Manoel Raulino Pereira (falecido aos 89 anos em março de 2013).

Em consequência das afirmativas apresentadas até o referente momento, reforçamos as condições discursivas para delimitar um processo de monumentalização dos farinhaes direcionado ao espaço das casas de farinha, todavia, destacamos que esta concepção de produção discursiva se voltou somente na produção analítica dos sujeitos que deixaram o ambiente produtivo das casas de farinha. Enfatizamos isto, pois em busca de amplificar uma conjunção de sentimentos mais presentes do espaço das casas de farinha, atentamos para entrevistar um farinhaero que ainda trabalha neste espaço e ele demonstrou uma imagem meio que estigmatizada pejorativamente acerca deste espaço, como consequência disto, inferimos que suas colocações expunham também a outra via que adentrou o espaço das casas de farinha: a concepção de competição com o mercado fora da comunidade com as farinhaes industriais, juntamente ao processo educativo que estigmatiza os espaços rurais de produção (destacando que o próprio está em processo de formação no ensino médio).

Acompanhado a isto, por se tratar de um trabalho de curto fôlego, fizemos a escolha de não descrever nem problematizar sua fala, entretanto, suas demarcações apresentam aspectos que podem designar conclusões preliminares acerca do decréscimo das casas de farinha. Uma notavelmente problemática condição que mediante à outros fatores que acompanharam o constante desaparecimento que como, por exemplo, podemos destacar o movimento de êxodo rural (por diversos motivos: falta de assistência aos habitantes do campo lagoa-sequence; as recorrentes secas; uma educação que estigmatizava o campo em vez de valorizá-lo; o constante aumento dos níveis de criminalidade; dentre outros aspectos) que apontou o apogeu das casas de farinha que deixaram uma função de integração social, além de produção material, para se apresentarem discursivamente na memória daqueles que vivenciaram grande parte de suas vidas criando as relações sociais que lastrearam suas respectivas identidades nestes espaços.

Considerações finais

Depois das caracterizações que foram apresentadas até o referente momento, buscamos enfatizar como pode ser interligada a identidade de um corpo social mediante as relações tecidas em um ambiente de produção. Principalmente, enfatizando a condição que se constituem nos meios produtivos, destacamos que às relações que afirmam-se em meio ao processo produtivo designam a coesão de um determinado

grupamento social. Quando apresentamos o caso da comunidade de Lagoa do Barro (comunidade São João Batista) destacamos que a demarcação simbólica do espaço da casa de farinha apresenta um notável protagonismo, todavia, este, não se constitui de forma passiva, mas sim, através da ação protagonista dos próprios agentes deste espaço.

Uma identidade que foi demarcadora de uma comunidade coesa que, de forma dramática, vem se esfacelando na última década. Desta forma, propomos uma breve, mas profunda, ressignificação narrativa do espaço da casa de farinha, pois, a cada entrevista foi-nos possível perceber o protagonismo destes espaços para a interação social e construção de um sentido de pertencimento. Em consequência, das proposições apresentadas destacamos que a *alegoria da casa de farinha* possui uma demarcação semântica, para os farinheiros de outrora, notavelmente amplificada daquela que foi construída por um discurso simplificador das complexidades que coabitam nestes espaços de construção das identidades.

Dito isto, este breve enunciado buscou tecer uma concisa teia de significados acerca do espaço da casa de farinha, associando-a diretamente a identidade de coesão daqueles que vivenciaram o contexto do lugarejo pesquisado. Por consequência, como se constituiu em um marco simbólico, a casa de farinha, tornou-se também um espaço de memória devido ao conjunto de aspectos que forjaram a identidade naquela comunidade. Diretamente relacionadas a memória e a constituição da identidade, ela fomentou o princípio de unificação que possibilitou percebermos, assim como, avaliarmos como é inconcebível discorrer sobre aquela comunidade, de forma profunda, sem considerar a importância das casas de farinha. Diante do conjunto de proposições/exposições que foram empregadas, não em busca de saturar esta discussão, mas com o intento de contribuir pontualmente, este artigo, culmina com sentimento de êxito acerca de sua pretensão a priori.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1** - Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GERTRUDES, E. P., **Entrevista Concedida**. Lagoa Seca 09/06/2016.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MAIA, Pseudônimo. **Entrevista concedida**. Lagoa Seca 09/09/2016.
- MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. In: **O Capital, Crítica da Economia Política** – Volume I: O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996, p. 297-315.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PEREIRA, Carlos José. **Entrevista concedida**. Lagoa Seca 07/08/2016.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da Classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.